



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Peruanos em Manaus, Boa Vista e Pacaraima trajetórias e processos identitários.

Sidney Antonio da Silva

DAN/PPGAS/UFAM

sidsilva@ufam.edu.br

A presença peruana nas cidades de Manaus, Boa Vista e Pacaraima é relativamente recente, ou seja, remonta às décadas de 1980 e 1990 do século passado. Contudo, é na década de 2000 que tal presença se intensificou e se consolidou como uma imigração voltada para alguns setores do mercado de trabalho local, tais como, comércio, saúde, educação, gastronomia, entre outros. As razões que os levam a sair do Peru são múltiplas, porém, a busca de novas oportunidades no mercado de trabalho brasileiro acaba prevalecendo como a principal justificativa para emigrar. Oriundos, em grande parte, da Amazônia peruana ou da capital, Lima, parte deles vislumbra em Manaus, o centro mais importante da Amazônia brasileira, um lugar para reconstruírem suas vidas. Outros seguem o caminho rumo ao extremo norte do Brasil, passando por Boa Vista e chegando a Pacaraima, na fronteira com a Venezuela. É, portanto, objetivo deste trabalho reconstruir as trajetórias realizadas por eles tanto no espaço geográfico, quanto sociocultural, buscando entender o papel das redes sociais no direcionamento dos fluxos migratórios, bem como na (re)construção de novas identidades, num contexto marcado por múltiplos estranhamentos.

A partir da observação *in loco*, realizada em diferentes momentos nas cidades de Manaus, Boa Vista¹ e Pacaraima, abrangendo homens e mulheres adultos e independentemente da sua condição jurídica, buscar-se-á através de uma análise comparativa apontar diferenças e semelhanças dos processos identitários empreendidos

¹ Em Boa Vista o trabalho de campo foi facilitado pela mestrande Alessandra Ruffino, à quem sou muito grato, pois sem a sua mediação, o contato com os peruanos teria sido muito mais difícil e demorado.



por eles nos contextos em foco. Considerando que as identidades estão sujeitas a constantes reconstruções, tomamos como referência o conceito trabalhado por Stuart Hall, para o qual a identidade torna-se uma *celebração móvel*, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2006, p.13). Tal conceito permite olhar estes processos identitários a partir de diferentes perspectivas, tanto do ponto de vista dos imigrantes, quanto do ponto de vista da sociedade envolvente, evitando, assim, o risco da sua essencialização, que no pior dos casos, abre espaço para a estigmatização e intolerância, aliás, cada vez mais presente nos contextos migratórios contemporâneos.

1- O Contexto Amazônico

Grande parte dos peruanos que vivem na Amazônia brasileira é oriunda da Amazônia peruana. Isto se deve, em parte, pela facilidade de acesso ao território brasileiro, ou seja, através da malha fluvial que liga os dois países. Outros, como os oriundos de Lima, a Capital do Peru, ou de outras cidades, como Yurimaguas, Pucallpa, Huancayo, seguem até Iquitos, capital da região de Loreto, e daí tomam um barco até a fronteira brasileira, passando pela pequena cidade de Santa Rosa, do lado peruano e depois Tabatinga, do outro lado do Rio Solimões. Em Tabatinga eles seguem de barco até Manaus pelo Rio Solimões, numa viagem de pelo menos 72 horas. Outros entram pela fronteira com o Estado do Acre, partindo de Cusco em avião até Puerto Maldonado. Depois seguem pela estrada do Pacífico até Iñapari, cidade vizinha a Assis Brasil, no Acre. Já no Brasil, alguns seguem para as cidades acreanas de Brasiléia e Rio Branco, outros seguem até Manaus (AM) (SANTOS, 2011: 37). Para os que seguem até Boa Vista (RR), a capital amazonense é apenas um lugar de passagem, ou de tentativas de inserção no mercado de trabalho local. De Manaus a Boa Vista são mais 700 km, feitos, em geral, de ônibus, pela BR 174. De Boa Vista a Pacaraima são mais 215 km, feitos de ônibus ou pelo sistema de lotação, oferecido por alguns taxis da capital roraimense.

Na Fronteira com o Brasil eles recebem um visto de turista, podendo permanecer no país até 90 dias, sendo renovável por mais 90 dias. Entretanto, após o vencimento deste período, grande parte deles permanece indocumentada, pois, o Estatuto do



Estrangeiro ainda vigente no país, só permite a regularização mediante o casamento com cônjuges brasileiros ou em base a filho nascido em território nacional. Como grande parte deles não se enquadra em nenhuma dessas exigências, a solução é esperar uma possível anistia, que tem sido oferecida pelo governo brasileiro de dez em dez anos. A última foi em 2009, e cerca de 45 mil estrangeiros foram beneficiados.

Do ponto de vista numérico é difícil quantificar a presença peruana em terras amazonenses. Dados da Fundação Joaquim Nabuco apontavam para a presença de 40 mil imigrantes (regulares e irregulares) no Amazonas em 2000. Já a Polícia Federal em 2010 apontava para um número de 15.369 imigrantes regulares em todo o Estado. Os peruanos representam, segundo esta fonte, uma pequena parcela, cerca de dois mil. Tal dado revela a discrepância entre os números fornecidos pelas fontes oficiais e de outras instituições não governamentais, pois aquelas não captam os que estão em situação irregular. De qualquer forma, o Brasil e, particularmente, a Amazônia tem sido o destino de muitos peruanos, que desiludidos com a situação econômica, política e social do seu país, começam a vislumbrar novas possibilidades de emigração, a partir da década de 1980. Entre os principais destinos, segundo o Ministério das Relações Exteriores do Peru (2003), estão: Estados Unidos, Argentina, Venezuela, Espanha, Itália, Japão entre outros. No Brasil aparece o modesto número de 25 mil emigrados. Contudo, dados da Pastoral dos Migrantes apontavam para um contingente de 15 mil peruanos somente na Tríplice Fronteira entre o Brasil, o Peru e a Colômbia (SILVA, 2010: 207).

O período de entrada no Brasil levantado pela nossa pesquisa mostra que a maioria deles emigrou entre as décadas de 1990 e 2000, sendo que o pico da emigração se deu a partir do ano 2000. Segundo Huallpa (2008), somente em 2007 se estimava que mais de 177 mil pessoas nascidas na Amazônia peruana viviam no exterior (2008, p. 107). Se, por um lado, segundo o mesmo autor, peruanos dessa região emigram para a Amazônia brasileira, por outro, o inverso também acontece. A Amazônia peruana tem recebido imigrantes do Brasil, Colômbia, Estados Unidos e Canadá, bolivianos, entre outros. As atividades que os atraem são as relacionadas à extração de petróleo, projetos de infraestrutura e extração de madeira.

A “preferência” pela Amazônia brasileira se deve, em parte, pelo fato de que estes deslocamentos têm um baixo custo de locomoção, já que grande parte dos



percursos é feita em barco e pelo pouco controle nas regiões de fronteira. Os centros urbanos que mais concentram peruanos são Manaus (AM) e Boa Vista (RR). Além destas duas capitais, outras pequenas cidades também atraem imigrantes, como é o caso de Tabatinga e Benjamin Constant (AM), na fronteira com o Peru, e Pacaraima (RR), na fronteira com a Venezuela. Nessas cidades fronteiriças, o que atrai os peruanos são as chances de trabalho no comércio, tanto formal quanto informal. Além dessas possibilidades, outros setores do mercado de trabalho também oferecem espaços, como é o caso dos trabalhadores da saúde, médicos e enfermeiros, os quais se fazem presentes, particularmente, nas pequenas cidades do interior da Amazônia, onde há demanda desta mão de obra. A educação, a gastronomia e o setor de serviços, também atraem profissionais peruanos (as).

Seja em Tabatinga, Manaus, Boa Vista ou Pacaraima, eles começam como vendedores ambulantes pelas ruas e feiras livres e depois abrem pequenos negócios, voltados, em geral, para o mercado do artesanato, de roupas, CDs, bijuterias, gastronomia, movelaria, hortifrutigranjeiros e serviços em geral.

O perfil destes imigrantes que foi se construindo desde os anos 80, se enquadra no já conhecido perfil das migrações laborais que marcaram o continente Sulamericano nas últimas décadas do século passado. Em geral eles são jovens, solteiros, do sexo masculino e feminino, numa faixa etária que vai dos 20 aos 35 anos, com um nível de escolaridade médio, equivalente ao segundo grau no Brasil. Entretanto, é possível encontrar também imigrantes com o primeiro grau incompleto e com uma idade já mais avançada, acima dos 60 anos, indicando um processo de migração da família ampliada. Nesse caso, algum filho já numa condição melhor, começa a trazer outros membros de suas famílias, entre eles, irmãos e pais. Contudo, para os imigrantes nessa faixa etária, o processo de inserção num novo contexto, às vezes é problemático, seja pelas diferenças culturais, seja pela pouca qualificação, fato este que acaba incidindo na qualidade de vida dos mesmos. É o caso do Sr. Vicente, natural de Ayacucho, com 67 anos de idade e com um nível de escolaridade primária. Atualmente ele vive em Pacaraima e cuida de um pequeno negócio do seu filho. Tendo que pagar um aluguel de quinhentos reais por mês pelo local onde vive e trabalha, ele lamentou ao pesquisador a pouca atenção do filho, que é casado com uma brasileira. E para completar a sua dramática situação,



convidou-me para ver sua esposa na outra parte da casa, a qual passa o dia na cama, porque está muito doente.

Esse exemplo revela a importância das redes sociais no direcionamento e manutenção dos fluxos migratórios. A maioria dos entrevistados disse ter algum tipo de contato no Brasil antes de emigrar, seja um familiar ou um amigo, facilitando-lhes a inserção, tanto em Manaus, quanto Boa Vista ou Pacaraima. É evidente que tais redes acabam criando também relações de dependência, em que o favor (dom) pode transformar-se em dívida, prendendo e subjugando aquele que o recebe. É o que constatou Silva (1997), no contexto das confecções em São Paulo, onde as relações de compadrio e amizade se confundem com os interesses econômicos dos empregadores bolivianos. Tanto em Manaus quanto em Boa Vista, foram constatadas situações análogas, onde a ajuda inicial dada por um parente pode se converter numa relação de exploração e dependência.

É sabido que a condição de indocumentação vivida inicialmente pela maioria deles pode corroborar para a emergência e prolongamento de tais relações. Contudo, importa lembrar que a simples mudança do estatuto jurídico do imigrante não significa uma garantia de mudança na sua qualidade de vida. Isto porque, grande parte deles continua vinculada ao mercado de trabalho informal, seja pela grande oferta de trabalho, seja por vislumbrar um breve retorno ao país de origem. A regularização de sua situação, pode, outrossim, abrir novas portas para o mercado de trabalho, garantir direitos sociais, como o acesso à educação, à financiamentos para a compra da casa própria, sonho de todos eles, já que o aluguel acaba pesando no orçamento doméstico. Essa é uma das razões pelas quais muitos preferem os bairros mais afastados para viver. Em Boa Vista, além das pensões próximas às áreas centrais, eles estão presentes em bairros como Liberdade, Buritis, Raiar do sol, Conjunto Cidadão, São Bento, 31 de março, Caimbé, entre outros. (Santos, 2011: 41). Já em Manaus, eles estão mais espalhados pelos bairros da Zona Leste, Norte e Centro- sul da cidade.

2- Trajetórias e suas representações

Por mais que seja uma decisão individual a migração implica sempre em um processo de mão dupla, pois ela envolve tanto a sociedade de partida quanto a de chegada. Isto porque, segundo Sayad (1998), o emigrante será sempre um imigrante,



vivendo a ambigüidade do não pertencimento, pois ela conduz à contradição constitutiva da condição do migrante: “ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo” (1998, p. 46). Tal situação permite dizer que para o imigrante nada parece ser definitivo, mas sim marcado pela transitoriedade. Nessa perspectiva, *trajetórias* devem ser entendidas como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou grupo num espaço por ele mesmo modificado e submetido a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1986; 71). Nesse contexto, é importante considerar as imagens construídas pelos imigrantes sobre o país de destino, mesmo antes de emigrar. Tais imagens contribuem para a elaboração de seus sonhos, ou de sua “ilusão migratória”, podendo tornar-se realidade ou não. Considerando que muitos deles realizam seus deslocamentos em etapas, ou seja, da zona rural do Peru para algum centro urbano, que pode ser Lima, a capital do país, ou algum centro regional, como é o caso de Iquitos, e depois para outros centros urbanos no Brasil, é possível que tais imagens sofram várias resignificações.

O primeiro impacto é de ordem espacial, pois as distâncias entre as cidades amazônicas já um é um fator de estranhamento e alumbramento. Para alguns, Manaus estaria mais próxima da fronteira com o Peru, do realmente está. Depois de três dias de viagem o transeunte chega numa cidade, marcada pelas contradições econômicas e sociais pelas quais passou ao longo de sua história, desde a época do fausto, propiciado pela riqueza do látex, passando período de estagnação e pelo ressurgimento com a implantação da Zona Franca, em 1967. Para outros, o estranhamento é, sobretudo, de ordem cultural, pois a imagem que se tem do Brasil é aquela veiculada pelos meios de comunicação, ou seja, como o país do “carnaval e do futebol”. Para Marli, de 35 anos e original de Iquitos e há dez anos em Boa Vista, esta imagem mudou tão logo ela cruzou as fronteiras geográficas dos dois países. É o que ela afirmou: “pensei que todos eram pretos, mas quando cheguei a realidade não era esta. Minha idéia mudou. É um lugar onde eu plantei minha árvore para ficar. Vou para o Peru só matar a saudade de pai, mãe e parentes”. De um modo geral as imagens que eles têm do Brasil são positivas, sendo representado como um país onde “hay mucho trabajo”.

A idéia de que no Brasil há muitas oportunidades de emprego parece não se apoiar na realidade, pois, mesmo sendo uma grande cidade, com um pujante pólo industrial, alguns peruanos disseram preferir Boa Vista em vez da capital amazonense.



Uma das razões seria a “tranquilidade” que a capital de Roraima lhes pode oferecer. Entretanto, tudo indica que tal “preferência” tem a ver com as redes sociais que são estabelecidas entre eles e em razão das dificuldades de inserção num grande centro urbano como Manaus, onde a competição comercial entre os próprios peruanos deve ser maior. É o que afirmou Jamiro de 46 anos, original de San Martin, há doze anos em Boa Vista e vendedor ambulante numa calçada central de Boa Vista. Enquanto vendia os seus produtos, tentei entrevista-lo. Assim se expressou ele: “Brasil es el mejor país que yo achei para trabajar. De vez em quando la policia molesta. La prefectura está intentando nos tirar daqui. Mas a gente tem família, filho para sustentar y por eso vai tentando.”. Vale notar que apesar de estar há mais de uma década no Brasil, ele ainda mistura os dois idiomas, falando em “portunhol”.

Já para Omar, há sete anos em Manaus, o qual havia passado primeiro por Tabatinga, onde trabalhou na compra e venda de produtos hortifrutigranjeiros e depois em Tefé (AM), no ramo da importação de roupas, afirma que Manaus é melhor porque há mais oportunidades de negócios. É evidente que quem chega num grande centro como Manaus com algum capital, as possibilidades de sucesso são maiores, o que não acontece com a maioria dos peruanos (as). Para Carmen, por exemplo, natural de Cusco, a qual veio com três filhos pequenos e teve que lutar sozinha para cuidar deles, a situação é bem diversa e, ao mesmo tempo, adversa por ser mulher e por estar sozinha na condição de imigrante.

Para os que vivem na fronteira com a Venezuela suas trajetórias são marcadas pelas oscilações das moedas de ambos os países, pois quando uma moeda se valoriza o comércio fica mais vantajoso de um lado e menos do outro. Com a valorização da moeda brasileira o comércio de Pacaraima passa por momentos difíceis, pois para os venezuelanos os produtos brasileiros estão mais caros. É o que enfatizou Rocio de 66 anos, natural de Chimbote (Costa peruana) e há dois anos em Pacaraima. Ela veio sozinha visitar o irmão e acabou ficando. Começou vendendo como ambulante na rua e agora ocupa um boxe num espaço que a prefeitura construiu para os camelôs, denominado de “Centro de Artesanato”. Para ela existe na fronteira uma “máfia de cambistas”, tornando o cambio desfavorável. Frente a esta situação ela disse que não pretende ficar em Pacaraima, por estar indocumentada. Situação semelhante é a relatada por Gisele, de 36 anos, casada e natural de El Callao, próximo a Lima. Ela veio em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

2000 a convite dos seus pais que moravam em Boa Vista. Em Pacaraima ela trabalha na loja do marido que vende artesanato peruano e brasileiro. Segundo Gisele, os peruanos não foram contemplados com os boxes no Centro de Artesanato que foi construído pela prefeitura local, porque tinham que votar no prefeito. Como o Estatuto do Estrangeiro do Estrangeiro, vigente no país desde 1980, não concede este direito aos estrangeiros, eles ficaram de fora. O mesmo aconteceu com o senhor Vicente, já mencionado anteriormente. No seu caso a situação é ainda pior, pois segundo ele, teria pago uma quantia de doze mil reais à prefeitura pelo box, mas ainda não o recebeu. A razão seria a sua situação jurídica de indocumentação no Brasil. Com a anistia de 2009 ele conseguiu o protocolo que deverá ser renovado em 2011. Diante da sua situação desfavorável ele pensa ir a Manaus tentar algo melhor. Já Gisele pensa ir à Itália, onde tem uma irmã. Para os mais jovens a fronteira seria também um lugar de passagem, pois as oportunidades de estudo e trabalho são pequenas, as quais se ampliariam em grandes centros urbanos, como Manaus ou em outras cidades do Sudeste do país.

Nessa perspectiva, para alguns peruanos de Pacaraima a fronteira seria um lugar transitório e, ao mesmo tempo, marcado pela liminaridade, pois nela o estranho, o diferente é geralmente classificado como “perigoso”, como “invasor” de um espaço “sagrado”, que do ponto de vista do Estado Nação pertence aos brasileiros. É a percepção de Manoel, natural do Ceará e há dez anos na cidade. Para ele os peruanos “são ambiciosos, chegam e vão invadindo”. Invasor, estrangeiro, imigrante ou simplesmente peruano? Essas são algumas das categorias utilizadas para se classificar aquele que veio de longe, de terras, muitas vezes, desconhecidas e tidas como “exóticas”. Isto coloca a problema das identidades no mundo contemporâneo, questão da qual nos ocuparemos a seguir.

3- As identidades no contexto migratório.

Tida como um dos fenômenos mais antigos e mais contemporâneos da história da humanidade, a migração tem sido abordada a partir de vários enfoques no âmbito das ciências sociais, indo desde aqueles que atribuem ao indivíduo a total liberdade de escolha para onde deseja ir, até aqueles que a vêem como resultante tão somente de fatores estruturais. Entretanto, “a imigração não é apenas um deslocamento de pessoas e grupos no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

espaço, atravessando fronteiras internacionais; tem sua própria temporalidade e paradoxos, produz mudanças sociais e culturais, novas identidades, conflitos” (SEYFERTH, 2007, p.26). Seu caráter multifacetado dificulta sua apreensão enquanto totalidade, questão esta pretendida pelos estudos ancorados na teoria da assimilação. Importa lembrar que desde o estudo de Thomas e Znaniecki em seu já clássico *The Polish peasant in Europe and America*, tal teoria influenciou os estudos de imigração desde os anos 20 do século passado, e teve como um dos seus formuladores Robert Redfield, no contexto da Escola de Chicago. No Brasil, segundo Seyferth, (2007), Emilio Willems, foi o primeiro a utilizá-la e a entendia como um processo integrativo em que acabava prevalecendo os padrões do grupo dominante, mas sem que sem que isto significasse a perda de todas as características culturais do grupo minoritário.

Com a nova perspectiva teórica inaugurada por Barth e Abner Cohen, no início dos anos 70, a partir dos conceitos de grupo étnico e etnicidade, temos um novo despertar pelos estudos de imigração no país. O foco agora já não é a questão da preservação da cultura, enquanto elemento definidor da identidade étnica, já que ela é constantemente reiventada, mas as formas de organização do grupo que irão definir suas fronteiras, ou seja, os critérios de inclusão e exclusão, bem como, sua relação com os demais grupos.

No contexto que estamos focando, o da imigração peruana na Amazônia, os processos identitários assumem vários significados, em razão de fatores geográficos, socioculturais e políticos e, como tais, só podem ser compreendidos a partir do diálogo com os sistemas culturais onde estão inseridos esses imigrantes. Nossa experiência em campo revelou que as formas pelas quais os peruanos são representados dependem da circunstância e do lugar. Se, num grande centro como Manaus, onde a presença peruana tende a se diluir ou passar “desapercebida”, seja pela dimensão espacial da cidade ou pelas semelhanças fenotípicas com a população local, o mesmo não ocorre numa região de fronteira, como é o caso da Tríplice Fronteira (Brasil, Peru, Colômbia) ou da fronteira Brasil/Venezuela.

No caso daquela fronteira, já analisada por Silva (2008b), brasileiros e colombianos se unem para acusar os peruanos por tudo de ruim que acontece naquele lugar. Além disso, as representações sobre eles assumem uma conotação étnico-racial, já que são identificadas como “personas de La Sierra”, ou seja, camponeses e indígenas



(2008b, p. 43). Já no caso da outra fronteira norte, os peruanos são confundidos com os venezuelanos devido ao fator lingüístico comum a ambos. Como as relações entre brasileiros e venezuelanos na fronteira têm sido marcadas por conflitos, em razão da forma como a Guarda Nacional daquele país trata os brasileiros, exigindo propinas, a idéia generalizada que se tem é a de que os venezuelanos “tratam mal os brasileiros”. Segundo Gisele que mora em Pacaraima, já aconteceu casos em que brasileiros agrediram peruanos pensando que eram venezuelanos.

Em Boa Vista, por sua vez a dinâmica identitária assume outros matizes, isto porque além de peruanos e venezuelanos, há outros grupos de imigrantes na cidade, como é o caso dos colombianos, equatorianos, bolivianos, guianenses, entre outros. Esses últimos, por serem negros e pobres, são responsabilizados com frequência pelos brasileiros e peruanos pelo tráfico de drogas e contrabando de mercadorias na cidade. Tais acusações, acabam por estigmatizá-los e, transformá-los no “bode expiatório” dos problemas daquele lugar e, ao mesmo tempo, como uma categoria diferenciadora nas relações identitárias locais.

O lugar ocupado por esses imigrantes no mercado de trabalho local é, portanto, um elemento diferenciador entre eles, já que os venezuelanos são vistos como comerciantes bem sucedidos, donos de lojas, os peruanos como ambulantes nas ruas e feiras livres² e os guianenses como possíveis traficantes. Entretanto, na relação assimétrica entre brasileiros e peruanos, esses procuram remarcar as diferenças daqueles evocando um suposto “ethos” do trabalho como balizador entre as nacionalidades. É o que sugere Nelson, 38 anos, natural de Lima e comerciante em Boa Vista há dois anos. Assim disse ele:

“A veces veo peruanos caminando por La calle y después de un cierto tiempo ya están con motos y carros. Hay brasileños que no tienen nada, quedan mucho tiempo esperando alguna cosa del gobierno. Por eso no son emprendedores como los peruanos”. E acrescentou: “Veo los peruanos que vienen acá comprar todos sudados, cansados, pero cuando abren la cartera, tienen mucha grana”. (Nelson, Boa Vista, março de 2011).

² Todos os domingos acontece uma feira livre no bairro Tancredo Neves, denominada de “Feira dos Garimpeiros”. Nela é possível constatar vários peruanos que vendem, em geral, roupas, ferramentas, painéis, relógios, pilhas, etc. Alguns deles vendem nas ruas do centro da cidade durante a semana.



Em geral a visão predominante encontrada no senso comum é a de que os imigrantes “roubam” as oportunidades de empregos dos brasileiros, o que nem sempre é verdade, já que eles, em geral, preenchem vagas que os brasileiros não pretendem ocupá-las, em razão das condições em que lhes são oferecidas. Já o imigrante na sua condição de vulnerabilidade não tem muitas possibilidades de escolha. Só lhes resta enfrentar empregos mal remunerados ou inventar outras estratégias de sobrevivências. É claro que quando eles começam a ocupar espaços disputados pela população local, como é o caso do comércio em Boa Vista, a reação de um maranhense pode ser elucidativa: Quando indagado sobre a presença de imigrantes na cidade ele disse enfaticamente: “Deveria expulsar a todos. Nada contra, mas dentro da lei”. Tal visão também pode ser confirmada na fala de uma peruana de 66 anos de idade e morada de Pacaraima. Ela afirmou já ter passado por situações constrangedoras, tendo que ouvir insultos de brasileiros que lhe diziam: “Por que saem dos seus países? Não tem o que comer? Por que não te vás?”. Tais reações revelam o incomodo e as ameaças que tal presença pode ensejar.

Se no âmbito das relações de trabalho a competição dificulta a relação entre brasileiros e peruanos, no âmbito das trocas culturais elas parecem ser mais tranquilas e interessantes, pois quando perguntados sobre o que os brasileiros sabem do Peru, eles dizem que querem conhecer as ruínas de Machu Picchu, que gostam da culinária peruana, da música andina, entre outras coisas. Isto revela que os canais de diálogo entre ambas culturas são ainda pequenos, mas poderão se aprofundar, na medida em que as relações econômicas, políticas e culturais entre os dois países se ampliem. Um exemplo disso é o festival da Confraternidade Amazônica que acontece todos os anos na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru no final do mês de julho. A festa é realizada em Letícia, cidade colombiana contígua a Tabatinga, e reúne grupos de danças típicas dos três países. Além disso, a cada ano é escolhida a *señorita confraternidad*, a jovem mais bonita daquela região, a qual assume a missão de trabalhar pela união dos povos amazônicos (SILVA, 2010, p. 216). A festa passa a ser, portanto, um espaço de afirmação identitária não apenas dos diferentes grupos que participam do evento, mas também de uma identidade comum a todos, ou seja, enquanto amazônidas. Da mesma forma em Pacaraima há a realização do *micaraima*, um carnaval fora de época, do qual



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

os venezuelanos participam e animam a cidade. Isto revela que as fronteiras são também lugares de encontro e de trocas simbólicas.

Em Manaus o processo de afirmação e reconstrução identitária se amplia, em razão do leque de espaços públicos construídos e apropriados pelos peruanos na cidade, entre eles os restaurantes voltados para a comunidade, porém, não de forma exclusiva. Nesses espaços é possível encontrar peruanos que vivem na cidade, mas também brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades, os quais apreciam a culinária peruana. No âmbito da música temos alguns grupos residentes na cidade, mas também outros que passam por Manaus apenas para uma curta temporada em busca da divulgação de seus trabalhos e para ganhar algum dinheiro. Entre os grupos mais conhecidos temos o Salazar, responsável para animar as noites latinas, todas as quintas-feiras, numa conhecida cervejaria da cidade. Além desses espaços, a Pastoral do Migrante, localizada em duas igrejas de Manaus, uma no centro (N. Sra. Dos Remédios), e a outra (São Geraldo), na zona Centro-Sul da cidade. Nessa última, uma vez por mês acontece uma missa voltada para os imigrantes que vivem na cidade, rezada em espanhol e francês, em razão da recente presença haitiana. É neste local que os peruanos festejam uma de suas devoções mais populares no Peru, a festa do *Señor de los Milagros*. Realizada no último domingo do mês de outubro, o ponto central da festa é a procissão com o pesado andor do santo pelas ruas de Lima, acompanhada pelos devotos que se vestem na cor morada (roxo), para pagar as suas promessas. Em Manaus também se faz este ritual e, além das práticas devocionais, há também comidas típicas, entre elas o ceviche (peixe cru marinado no limão), a chicha morada (bebida doce de milho roxo), tudo animado com muita música e danças de diferentes partes daquele país.

Já em Boa Vista, ao contrário de Manaus, os espaços públicos conquistados por eles se reduzem, o que poderia ser explicado pela menor presença de peruanos na cidade e também pelo seu caráter mais recente. A maioria afirmou não conhecer lugares de encontro do grupo, como restaurantes e bares, e também ter poucas amizades com os compatriotas. Quando perguntados se eles participavam de alguma festa peruana, a resposta era a já conhecida “falta de tempo”. Tal afastamento, pode ser interpretado como uma forma de proteger-se do preconceito que lhes é atribuído pelo contexto local, inclusive pelos meios de comunicação social, como é o caso do rádio. Segundo Juan, de 35 anos e há quatro em Boa Vista, há um programa numa rádio local, denominado de



“mete bronca”, o qual estaria incentivando o preconceito contra os imigrantes. Nesse sentido, poderíamos dizer que os espaços de sociabilidade ficam circunscritos ao âmbito do privado, como a venda de comidas típicas na casa de algum compatriota, em que as relações de amizade e parentesco passam a ser fundamentais. Da mesma forma, a festa do *Señor de los Milagros*, realizada pelos profissionais da saúde, não é uma festa aberta à comunidade, mas fica restrita a este grupo de peruanos de condição social diferenciada. Nesse contexto, os espaços de afirmação identitária dependem da circunstância e da motivação para serem acionados, fazendo do jogo identitário uma “celebração móvel” e surpreendente, pois, segundo Nelson, “no es el país que hace uno, es la persona que hace el lugar”.

Considerações finais

A trajetória da imigração peruana, seja em Manaus, Boa Vista ou Pacaraima, mostra que, apesar das dificuldades enfrentadas por cada um desses imigrantes, algo eles têm em comum: o desejo de reconstruírem suas vidas no Brasil. Entretanto, como vimos, nem todas trajetórias são marcadas pelo tão almejado sucesso, fato esse que os leva a rever suas trajetórias. Regressar ao país de origem ou partir para outro lugar? A primeira opção parece estar fora de cogitação, pois, se, por um lado, é preciso considerar que as expectativas depositadas naquele que emigrou são muitas, inclusive, em alguns casos, há um investimento do grupo familiar no seu empreendimento migratório, por outro, é preciso avaliar também a situação socioeconômica do país de origem, em geral, nada promissora. Descartada esta possibilidade, só lhes resta permanecer onde se está ou partir alhures em busca de novas oportunidades. Vale lembrar que essa última opção é uma escolha cada vez mais distante, em razão das crescentes restrições à imigração, impostas pelos países receptores de migrantes. Nessa perspectiva, o Brasil continua sendo para maioria dos peruanos (as), ainda que em suas representações, o país onde a realização dos seus projetos de vida pode vir a se tornar realidade.

Contudo, a sua permanência no país implica na luta pela cidadania plena, o que significa em direitos civis, sociais, culturais e políticos respeitados, o que nem sempre acontece. A indocumentação ou a impossibilidade de renovarem os seus pedidos de permanência no Brasil, por não terem uma atividade laboral formal, os coloca numa



condição de vulnerabilidade, inviabilizando, desta forma, seus projetos pessoais e familiares. Além disso, terão que lutar para desconstruir os preconceitos que lhes são atribuídos pela sociedade local, fato este que incide diretamente nos processos identitários empreendido por eles em suas trajetórias amazônicas.

Bibliografia

BARTH, F. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México, Fondo de Cultura Economica, 1976.

BOURDIEU, P. “L’illusion biographique” in *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, Juin, n.62/63. Paris, 1986, p.69-72

CARMO, R. L.; JAKOB, A. A. E. “A migração estrangeira recente na Amazônia legal brasileira” In *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. ARAGÓN, Luis (org). Belém, NAEA/UFPA, 2009, p. 205-219.

EMMI, Marília. “Fluxos migratórios internacionais para a Amazônia brasileira do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos italianos” In *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. ARAGÓN, Luis (org). Belém, NAEA/UFPA, 2009, p. 263-279.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

OLIVEIRA, Márcia M. Abordagens preliminares sobre a migração internacional e o caso dos peruanos em Manaus. TCC, Universidade Federal do Amazonas, 2004.

..... “Mobilidade Humana na Tríplice Fronteira Peru-Colômbia-Brasil e seus reflexos na cidade de Manaus”. In: *Mundos em Movimento*. VV.AA. Santa Maria, Editora UFSM, 2007.

SANTOS, Alessandra. R. *Trajetoórias Migratórias e identidades reveladas: a presença de peruanos em Boa Vista-RR*. Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2011.

SANTOS, Carlos A. dos; BRASIL, Marília C.; MOURA, Hélio A. “Persona Non Gratae? – A imigração indocumentada no Estado do Amazonas” In:



Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas. Brasília, CNPD, 2001, p. 479-488.

SANTOS, Francilene R. “Migração Transfronteiriça na Venezuela”. In *Estudos Avançados*, n. 20 (57). São Paulo, EDUSP, 2006, p.197-2-7.

SAYAD. Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998.

.....*O Retorno*. São Paulo, Travessia, número especial, 2000.

SEYFERTH. G. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar”. In: *Mundos em Movimento*. VV.AA. Santa Maria, Editora UFSM, 2007, p. 15-44.

SILVA, Sidney A da. *Costurando Sonhos*. Trajetória de um grupo de bolivianos em São Paulo. São Paulo, Ed. Paulinas, 1997.

.....“Os hispano-americanos e a construção da cidadania”. In *Práticas de Cidadania*, Jaime Pinsky (org), São Paulo, Contexto, 2004, p.55-67.

..... *Faces da latinidade*. Os hispano-americanos em São Paulo. Textos NEPO, N.55. Campinas, NEPO/UNICAMP, 2008a.

.....”Nacionalidade e etnicidade na Tríplice Fronteira Norte”In *Cadernos CERU*, V,19, no 1, junho 2008b

..... “Hermanos Amazônicos: processos identitários e estratégias de mobilidade entre peruanos e colombianos em Manaus” In: *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. SILVA, S. A. (org). Manaus, EDUA, 2010, p.205-221.